A desertificação nossa de cada dia

O processo de desertificação começa muito antes da esterilidade do solo e da formação de dunas

JOÃO AMBRÓSIO DE ARAÚJO FILHO

Finalmente, a desertificação bateu à nossa porta. Apesar dos alertas feitos desde o século passado, o fenômeno está cada dia mais presente na mídia, apesar das informações e dados quase sempre conflitantes e das velhas declarações de sempre: a grande potencialidade econômica do semi-árido e as tais ações integradas para o desenvolvimento da região, que nunca se materializam. Malgrado esses fogos de artifício, as medidas cabíveis não são tomadas e o deserto continua avançando sobre nós.

O que se pode fazer? Em primeiro lugar é preciso que se identifiquem as causas que atuam no processo nos sertões nordestinos. Aí surge o homem como principal ator, através das atividades da agricultura de queimadas, da pecuária de superpastoreio e da produção de madeira, todas extrativistas e predatórias dos recursos naturais renováveis. E por que o homem age desse modo suicida, a destruir os bens que a pródiga natureza lhe pôs à disposição? Inicialmente, quando os recursos eram fartos, a ignorância, o ganho fácil e a presunção de que suas fontes eram inesgotáveis determinaram seu modo de agir. Depois, quando a degradação ambiental reduziu drasticamente os recursos, a ignorância e a presumida necessidade imediatista de sobrevivência passaram a atuar nas tomadas de decisão.

A formação de desertos começa com as mudanças na composição florística da comunidade vegetal, passa pelo desaparecimento da vegetação original, intensifica-se com a destruição gradual da camada florística e redução do aporte de matéria orgânica, e só então se manifesta no solo, através da erosão e da perda da fertilidade e da estrutura.

No entanto, podemos recuperar as áreas degradadas, mesmo as mais críticas e mais citadas, como Irauçuba, se entendermos que o processo de desertificação começa muito antes de surgirem a esterilidade do solo e a formação de dunas. O fator mais importante em jogo é a vegetação. Na realidade, a formação de desertos começa com as mudanças na composição florística da comunidade vegetal, passa pelo desaparecimento da vegetação original, intensifica-se com a destruição gradual da camada florística e conseqüente redução do aporte de matéria orgânica, e só então se manifesta no solo, através da erosão e da perda da fertilidade e da estrutura. A vegetação protege e mantém o solo fértil e estruturado e é condição *sine qua non* para sua recuperação. A revitalização ecológica, agropastoril e econômica do semi-árido deve começar pela recuperação de sua vegetação. Esse aspecto é tão importante, que o estádio de degradação da vegetação na bacia hidrográfica afeta a quantidade e a qualidade da água nos mananciais, contribuindo significativamente para a longevidade e viabilidade da irrigação.

Portanto é preciso intensificar as pesquisas com o desenvolvimento de sistemas agroflorestais na agricultura; na pecuária, adotar técnicas de manejo sustentável da caatinga para fins pastoris, mormente via raleamento, enriquecimento ou sistemas silvopastoris, como o Caatinga/Buffel/Leucena (CBL); na produção de madeira, utilizar técnicas de manejo florestal, como corte seletivo e manejo da rebrota; e na recuperação das áreas degradadas, adotar o reflorestamento diversificado com espécies nativas. A Embrapa Caprinos, em Sobral, Ceará, há 15 anos vem trabalhando no desenvolvimento dessas pesquisas, com resultados já divulgados e adotados por produtores. Somente ações de médio e longo prazo terão efeitos definitivos. Não se recupera em uns poucos anos o que levou quase 500 anos para se degradar.

JOÃO AMBRÓSIO DE ARAÚJO FILHO *é pesquisador da Embrapa.*
ambrosio@cnpc.embrapa.br